

RELATÓRIO DAS JORNADAS SOBRE ALFABETIZAÇÃO¹

ENCONTRO DE 27.01.2017

Participantes no Encontro

No dia 27 de janeiro de 2017 realizaram-se, no Instituto da Educação de Lisboa, as primeiras Jornadas sobre Alfabetização de Adultos promovidas no quadro da APCEP.

Estiveram presentes pessoas interessadas provenientes de diversos pontos do país: da Região de Lisboa (Cacilhas, Almada, Amadora, Carcavelos, Loures, Madragoa, Oeiras, Paço d'Arcos, Prior Velho, Telheiras), da Região de Coimbra (Coimbra, Condeixa, Figueira da Foz e Vila Nova de Poiares) e da Região Norte (Vila Verde, Braga, Macedo de Cavaleiros e Bragança).

¹ Embora consideremos a Alfabetização inserida em contextos de Educação de Adultos, aceitámos tratá-la deste modo por se tratar de um conceito socialmente mais mobilizador.

As 25 pessoas presentes tinham em comum o interesse no desenvolvimento da alfabetização de adultos no país ou na sua região e revelavam perfis muito diversificados desde ex-coordenadores, formadores ou técnicos de Centros de Novas Oportunidades, de académicos professores de Educação de Adultos a alunos estagiários, investigadores em Educação de Adultos ou em Ciências da Educação (1/4 dos presentes eram doutorados), atuais técnicos ou coordenadores de Centros Qualifica, cidadãos comuns, militantes, envolvidos em projetos de voluntariado em Alfabetização de Adultos. Um projeto presente pretende ainda “criar sinergias dentro da comunidade”. Outros, vieram em busca de parcerias para projetos a desenvolver ou já em execução no terreno.

Algumas trabalhavam atualmente em Centros Qualifica, outras criaram projetos locais negociando o apoio das Câmaras Municipais, das Juntas de Freguesia ou das paróquias. Havia estagiárias de Licenciaturas em Animação Socioeducativa (regime pós-laboral) organizadas pelas respetivas professoras². Havia ainda duas estudantes de outros países: uma da Guiné e outra do Brasil.³

Destinatários nos grupos de alfabetização

As populações com quem trabalhavam ou se propunham fazê-lo tinham perfis diversificados, nomeadamente jovens em situação de abandono escolar, desempregados, trabalhadores no ativo, seniores (alguns com mais de 90 anos), pessoas de etnias diversas incluindo, maioritariamente, de cultura cigana ou provenientes da lusofonia. Foram referidas ainda pessoas em situação de reclusão e em situação militar.

As motivações e as necessidades identificadas também seriam diversas, desde as das pessoas obrigadas a frequentar as atividades por estarem abrangidas pelo RSI ou inscritas nos Centros de Emprego ou em idade de escolaridade obrigatória; as das pessoas que nunca tinham sido sujeitas a um processo de alfabetização às que procuravam o desenvolvimento das competências de literacia; igualmente existem pessoas que procuram sobretudo a alfabetização para aprender a língua portuguesa (língua segunda e língua estrangeira); há também os que procuram competências muito simples, como a de aprender a escrever o nome; encontram-se também os que aparecem com objetivos de convivialidade ou de desenvolvimento cultural (valorização das culturas maternas ou

² Existem muitas licenciaturas, mestrados e doutoramentos que têm também como objeto a educação em contextos não escolares. Refira-se, por exemplo, as Licenciaturas em Ciências da Educação, em Animação Sociocultural ou socioeducativa, em Psicologia Educativa e Mestrados em Educação Comunitária, em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local.

³ Procuravam o saber produzido em Portugal, reconhecido e potencialmente fundamentador das práticas atuais.

acesso a novos saberes); alguns aparecem com o objetivo explícito de certificação ou de capacitação para tirar a carta de condução.

Vários presentes verificaram as dificuldades de deslocação mas reconheceram a sua importância numa perspetiva de viver noutros espaços.

Problemas identificados

Conceito de analfabeto

Existe na sociedade portuguesa a representação de que a pessoa analfabeta é “aquela que nada sabe”, ignorando-se todos os saberes e competências que desenvolveram ao longo da vida. Os presentes identificaram uma única necessidade à pessoa analfabeta que é a de aprender a ler e escrever. Reconheceram também que a competência de literacia é muito importante na sociedade atual mas que apenas se desenvolve inserida em práticas significativas e em pessoas especificamente motivadas e com interesses próprios específicos para a sua aprendizagem.

A partir dos problemas identificados, como mais importantes, no boletim de inscrição:

Problema	Nº de participantes
Necessidade de formação	8
Inserção da alfabetização noutras atividades de Educação de Adultos	8
Existência de uma perspetiva escolar e infantilizante	7
Falta de financiamento para as atividades	6
Falta de material adequado	5
Dificuldade: falta de adesão dos destinatários às atividades	4
Dificuldade: dificuldades em aprender	4
Dificuldade: falta de permanência nas atividades (desistência)	3
Outros problemas identificados: <ul style="list-style-type: none">• <i>Alfabetização como forma de inclusão social</i>• <i>Material e métodos adaptados a alunos/formandos cuja língua não é o português</i>• <i>Alfabetizar pessoas cuja língua materna não é o português</i>• <i>Criação de sinergias dentro da comunidade</i>• <i>Aprendizagem e envelhecimento</i>	

Modelos pedagógicos e organizacionais

Podemos definir a alfabetização

No relatório de uma Reunião de Especialistas sobre Avaliação da Alfabetização, a UNESCO publicou uma definição da alfabetização que reflete a ênfase no contexto e na utilização:

“A alfabetização é a habilidade de identificar, compreender, interpretar, criar, comunicar e assimilar, utilizando materiais impressos e escritos associados a diversos contextos. A alfabetização envolve um *continuum* de aprendizagem que permite que indivíduos atinjam seus objetivos, desenvolvam seus conhecimentos e potencial e participem plenamente na sua comunidade e na sociedade em geral” (UNESCO 2005: 21).

Como a alfabetização é um conceito plural e dinâmico, nem esta nem qualquer outra definição tem caráter permanente.

Nota: Esta publicação emprega os termos analfabeto e analfabetismo para indicar a ausência da habilidade de ler e escrever, sem as conotações pejorativas por vezes associadas a esses termos.

In UNESCO (2009) *O desafio da alfabetização global Um perfil da alfabetização de jovens e adultos na metade da Década das Nações Unidas para a Alfabetização 2003 – 2012*
<http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001631/163170por.pdf>

Modelo pedagógico de aprendizagem

A Alfabetização de Adultos é uma atividade de Educação de Adultos e, por essa razão, exige uma formação específica nesse domínio. O relatório indicado da UNESCO continua a declarar que não se encara a alfabetização como a recuperação do tempo perdido respondendo com cursos de ensino primário⁴. A Alfabetização deverá funcionar como uma atividade específica de educação de adultos respondendo às necessidades e potencialidades dos participantes. Sabemos ainda que reproduzir os modelos de alfabetização escolar não conduz a aprendizagem dos participantes, conduz ao insucesso expresso pela não adesão ao processo (não inscrição), a desistência ou a não aprendizagem⁵.

Os participantes no Encontro que estão ou estiveram perante práticas que pretendem fazer alfabetização seguindo modelos escolares, reconhecem problemas que se caracterizam

⁴ Muitos dos adultos que não aprenderam a ler, chegaram a frequentar o sistema escolar mas o modelo de ensino já nessa altura não funcionou para eles não lhes permitindo a aprendizagem (ver taxas de insucesso escolar no 1º CEB e de iliteracia à entrada no 2º CEB no ensino regular). Não pareceria, pois, adequando, apresentar-lhe o mesmo modelo enquanto adultos.

⁵ Dificuldades identificadas pelos participantes no Encontro.

- pela não adesão ao apelo para alfabetização
- pela desistência,
- pela falta de conseguirem interessar-se e de evoluir nos seus objetivos de aprendizagem,⁶
- pela desistência.

O modelo d formativo é habitualmente o expositivo em vez de, numa perspetiva de Educação de Adultos, o modelo ser o de criar contextos de aprendizagem (tipo processo de RVCC⁷, por exemplo) onde cada um pode encontrar respostas às suas necessidades específicas e desenvolver as suas potencialidades ao seu ritmo. Uma metodologia centrada no sujeito/adulto, mais individualizada, desenvolvendo o sentido à aprendizagem e o envolvimento de todos os participantes.

Alguns participantes referiram que muitas destas pessoas são tratadas sem o devido respeito e que “toda a gente decide por eles” havendo, regularmente a atitude de lhes estarem a fazer um favor. Muitas vezes “são encaminhadas para onde dão mais jeito aos serviços, sem respeito pelas suas necessidades/anseios”.

Pela positiva e revelando sucesso nas aprendizagens e evolução das motivações de partida foi referida a importância dos afetos, a valorização dos saberes e das práticas dos participantes – “as sessões de alfabetização locais de socialização, de criação de laços”. A perspetiva seria a da Educação Comunitária “o trabalhar **com** os adultos e não **para** os adultos”.

O método Paulo Freire foi referido como o mais adequado⁸ porque parte e desenvolve os interesses dos participantes e é um método assente no desenvolvimento da consciência fonológica dos participantes (palavra e sílaba). Assim, a maior parte dos professores terá aprendido a abordagem fonémica (grafia/fonema) não dominada pelos destinatários.

⁶ Também por expressão de cansaço, por se considerarem mal tratados, porque são, muitas vezes tratados como crianças. São, deste modo, infantilizadas as ações de Educação de Adultos e não valorizadas as competências e os saberes desses adultos. Caracterizam-se sobretudo por necessidade de haver educadores/formadores de adultos com perfis desta área por afastar completamente o modelo escolar tradicional, inclusive na disposição da sala de trabalho.

⁷ Baseado na metodologia das histórias de vida, na valorização das experiências anteriores que ocorrem em todas as dimensões (formais, não formais e informais), contextualizadas nos respetivos meios socioculturais, que institui os adultos como sujeitos da sua própria aprendizagem uma lógica de aprendizagem autodirigida.

⁸ Embora não se proponha a obrigatoriedade de qualquer método.

Modelo Organizacional

Não só as práticas pedagógicas se devem afastar do modelo escolar, como a estrutura organizacional deveria ser diferente.

Ora, atualmente, muitos Centros Qualifica (ex-CQEP) estão a funcionar com o modelo escolar, recorrendo a professores das Escolas ou Agrupamentos onde estão instalados. Foi assim que terão conseguido sobreviver nos momentos de crise mas... esta situação manteve-se. Acontece que na maioria das formações de professores não existe a formação para a Educação de Adultos que é uma disciplina (área de saber) diferente do ensino tradicional. Os professores não recebem formação para desenvolver estas aprendizagens criando contextos com objetivos para destinatários de características diversificadas, com necessidades diferentes e específicas dos adultos.

Existem muito bons profissionais de Educação de Adultos mas formaram-se aquando da implementação de um modelo adequado a estes destinatários.

Hoje ainda, para completar o horário de um professor, distribui-se-lhe uma turma de Educação de Adultos sem verificar se tem ou não formação adequada para o efeito.⁹ Pensamos que não existe mesmo a consciência da necessidade dessa formação.

Foi referida também a obrigatoriedade do número de alunos por turma que parte do princípio da existência de turmas com destinatários de características homogéneas (que não existe) e com necessidades e motivações também homogéneas.

Este modelo é completamente desadequado aos destinatários, às suas motivações, interesses e necessidades, aos pontos de partida das aprendizagens.

Este modelo, torna-se caro porque não permite atingir os objetivos de aprendizagem.¹⁰

Também o modelo atualmente existente de “competências básicas” não parece servir, além do preço elevado a que fica. Estas pessoas têm interesses, motivações e necessidades específicas. Seria de nos fixarmos na aprendizagem da leitura e da escrita, desenvolvendo as outras competências do referencial B1 de

⁹ Seria como distribuir uma turma de matemática do Ensino Secundário a uma educadora de infância.

¹⁰ Reverte as características de uma organização burocrática – os fins são preteridos em função dos meios – resolve o problema da ocupação de professores mas não a alfabetização das pessoas adultas.

acordo com as necessidades que fossem sendo identificadas¹¹. Estas pessoas não têm de fazer como na quarta classe. Procuram aprender a ler desenvolvendo as competências referidas nos respetivos referenciais. No final poderiam obter um B1.¹²

Formação

As necessidades de formação foram as mais referidas por todos os presentes. Alguns em relação a si próprios, outros identificando esta necessidade nos contextos que conhecem.

Refira-se ainda que entre as críticas que tornaram os CNO mais vulneráveis terão mesmo sido os erros que se cometeram por falta de formação ou por formação desadequada dos técnicos, formadores, professores. Por essa razão, e para continuidade do processo, este seria um dos eixos a privilegiar na seleção e na formação das pessoas que fazem Educação de Adultos.

conteúdos

Assim, foram identificadas, como prioritárias as seguintes vertentes de formação:

→ Educação de Adultos – pedagogia centrada nos participantes e nas dinâmicas do grupo; relação pedagógica personalizada, assente em afetos positivos, reconhecendo os saberes e competências específicas de cada participante, valorizando-os; criação de contextos e de comunidades de aprendizagem. Entender os saberes de forma interdisciplinar; organização do trabalho pedagógico de acordo com objetivos específicos comuns e a diversidade dos participantes, permitindo, a cada um atingir os seus objetivos. Trabalho baseado nas produções dos participantes e na realização de práticas significativas, funcionais.

¹¹ Estas pessoas não têm de fazer como na quarta classe. Procuram aprender a ler desenvolvendo as competências referidas nos respetivos referenciais. No final poderiam obter um B1.

¹² Mais especificamente: as pessoas que não sabem ler nem inscrever inscreviam-se para um B1 e, ao mesmo tempo faziam 50 ou mais hora em *Linguagem e Comunicação* de aprendizagem da leitura e da escrita interagindo com a sua história de vida, com as suas competências noutros referenciais.

→ Processo de RVCC – saber reconhecer os saberes e competências dos participantes; ajudar cada participante a identificar as suas competências de modo a desenvolver a autoeficácia; apoiar os participantes a validar saberes inscritos nos respetivos referenciais de competências, interagindo com cada participante de forma a conseguir o seu avanço para outros saberes/competências;

→ Alfabetização de Adultos – conhecimento dos princípios e do método Paulo Freire; desenvolver a consciência fonológica de modo a permitir a descoberta de palavras significativas no universo de cada participante ou de grupos em presença (a partir do referencial de competências, por exemplo); identificar dificuldades pessoais nomeadamente de motricidade fina, de audição e de visão.¹³

metodologias

A formação de formadores parece ter de revestir um carácter isomórfico uma vez que se trata ainda de Educação de Adultos. A criação de comunidades de práticas e de aprendizagem parece ser o sistema mais adequado.

No entanto, tem-se verificado que nem toda a informação técnico-científica consegue chegar a todos os interessados acabando as metodologias escolares por não conseguirem ser ultrapassadas.

Torna-se necessária a existência de materiais informativos, colocados on-line que permita esclarecer a constituir-se como desafio e apoio, reforço das comunidades de aprendizagem em formação de formadores de adultos.

Continuidade do grupo

O grupo decidiu organizar-se em ***Círculo Temático sobre Alfabetização de Adultos*** aprofundando as ideias trabalhadas constituído-se uma Comunidade de Aprendizagem. Nesse sentido e, como ponto de partido considerou a necessidade de criação de uma página de *Facebook* o que foi realizado logo na altura (*alfabetização de adultos APCEP*)

¹³ Algumas pessoas só nesse momento descobrem que precisam de óculos e nem sempre conseguem adquiri-los, por dificuldades económicas.

Identificou-se a utilidade de criação de um Centro de Recursos maioritariamente on-line para apoio aos formadores dos grupos.

Decidiu ainda organizar um **ENCONTRO**, em Lisboa ou em Coimbra¹⁴. Esse Encontro teria 4 sessões/grupos de trabalho:

- Associativismo e Alfabetização de Adultos¹⁵
- Alfabetização em contextos escolares
- Estratégias de alfabetização (métodos, técnicas, contextos...)
- Populações de origem migrante (necessidades específicas, potencialidades, estratégias a implementar)

Recomendações

- Criar uma política pública com um plano de ação no qual se diminua estrategicamente a taxa de analfabetismo em Portugal. Segundo o Censur 2011, existem cerca de meio milhão de analfabetos no país, é hora de todos os atores que de alguma forma teorizaram, escreveram, comunicaram, implementaram, organizaram e fizeram parte de processos de alfabetização sejam ouvidos. É urgente a criação de condições no terreno para que a taxa de analfabetismo não nos envergonhe enquanto nação.
- Construir uma meta, por exemplo 5 anos, para assegurar a todos os adultos que o desejem o acesso efetivo à alfabetização em Portugal e monitorizar os resultados periodicamente. Valorizar as questões da qualidade das aprendizagens e regular cuidadosamente a questão dos resultados numéricos, experiências recentes de educação e formação de adultos revelaram-se contraproducentes, relativamente ao foco nos resultados numéricos em detrimento do respeito pela morosidade de alguns processos de educação de adultos.
- Mobilizar os órgãos de comunicação social, para a sensibilização e consciencialização da sociedade para o problema da alfabetização. Exemplos: depoimentos de pessoas que não sabem ler nem escrever, mas dignificando a sua experiência de vida; presença massiva de educadores de adultos em programas de televisão vistos pelos idosos (programas da manhã, por exemplo), publicidade em rádios nacionais / locais; monitorizar os resultados periodicamente;

¹⁴ Depende dos locais e dos financiamentos que se conseguirem.

¹⁵ Contextos não escolares de Educação de Adultos

- Reconhecer a diversidade das problemáticas e dos destinatários não considerando o modelo escolar como adequado para promover com eficácia estas aprendizagens, nomeadamente a ler e a escrever numa perspetiva de literacia¹⁶. Deste modo, o modelo de “competências básicas” tal como é maioritariamente praticado parece ser desajustado uma vez que não permite aos destinatários adquirir a competência de literacia.
- O modelo de RVCC – B1 parece ser o mais adequado uma vez que permite adquirir uma competência reconhecendo e valorizando as já existentes. A aprendizagem da leitura e da escrita seria encarada neste processo como a aprendizagem das TIC nos processos de RVCC.
- Competiria à tutela atuar em, pelo menos, duas direções: 1) criando, adequando, desenvolvendo os seus Centros¹⁷ e 2) apoiando o associativismo para a alfabetização de adultos i) reconhecendo as suas práticas,¹⁸ ii) financiando-as, e iii) tomando as associações como parceiros.¹⁹
- Ter formação em Educação de Adultos deveria ser condição para desenvolver atividades de Alfabetização, quer exigindo formação académica quer reconhecendo outros contextos de formação, quer ainda reconhecendo as competências adquiridas em processos anteriores.²⁰
- Edificar o trabalho em rede, parceiros a nível local, regional e nacional, por exemplo Conselhos Intermunicipais (CIM), CQEP, Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia, e entidades nacionais e locais de educação e formação de adultos (Escolas Superiores de educação, Universidades, Rutis e Universidades Seniores, entre outras), Associações, monitorizar os resultados periodicamente.
- Constituir localmente uma equipa de alfabetização com representantes do território, regionais e nacionais, monitorizar os resultados periodicamente.
- Respeitar a inserção dos processos de alfabetização na resposta a outras necessidades individuais ou de grupo.
- Editar materiais de formação colocando-os em locais acessíveis aos formadores ou futuros formadores de adultos.

¹⁶ Literacia: competência que permite extrair o sentido de um texto escrito necessário ao seu quotidiano.

¹⁷ Os Centros de Educação de Adultos, embora instalados nas Escolas deveriam ter recursos à parte e poder não seguir o modelo escolar de organização. É interessante conhecer o que se faz em Espanha com a criação de uma estrutura autónoma de Centros de Educação Permanente para Adultos, CEPA.

¹⁸ Cada associação deveria poder organizar-se como entendesse tendo apenas como condições conseguir diminuir o número de pessoas que não detêm a competência literacia.

¹⁹ Ver as condições de sucesso na relação do Estado com as dinâmicas comunitárias nos anos 70, p. 25 de Abril. (bibliografia)

²⁰ No caso de inserção de professores em processos de alfabetização em Escolas deveria ser criada a habilitação específica para Educação e Alfabetização de Adultos tal como foram criadas as habilitações específicas para área novas, como por exemplo, para informática.

Bibliografia²¹

Grosjean, É. (1987). *Vie Associative et Developpement Culturel, Des Associations, Espaces pour une Citoyenneté Europeene*. Bruxelles: Fondation Marcel Hicter & La vie Ouvrière.

Melo, A & Benavente, A (1978). *Educação Popular em Portugal – 1974-1976*. Lisboa: Livros Horizonte.

Benavente, A.; Gago, J.M.; Salgado, L. & Wall, K. (1980). *Objectivos, Situações e Práticas de Educação de Adultos em Portugal – 1979*. Lisboa: ME/DGEA.

PNAEBA – *Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos (1979)* – Ministério da Educação (coordenação de Estêvão, Manuel Lucas)

²¹ Para a construção de um Plano de Alfabetização inserido em contextos de Educação de Adultos e Associativos.

PARTICIPANTES NAS JORNADAS SOBRE ALFABETIZAÇÃO _ ENCONTRO DE 27.01.2017

Nome	Email	Instituição	Projeto/trabalho em alfabetização	Local	Perfil
Aida Garcia	aidajgarcia@gmail.com	RCO – Rede Cidadania de Oeiras	RCO – Projeto de Alfabetização em Porto Salvo.	Oeiras	Professora na Escola Secundária Luís Freitas Branco e na empresa Merck Sharp and Dohme.
Ana Pardal	anapardalmof@gmail.com	Misericórdia – Obra da Figueira	Trabalho com idosos na Misericórdia da Figueira da Foz.	Figueira da Foz	Escola Superior de Educação de Coimbra.
Carlos Silvestre	Carlos.silvestre3@gmail.com	SEPLEU – Sindicato de Educadores e Professores	Formação de professores.	Setúbal	Mestre em Ed. de Adultos. Professor de Português/Francês; Ex-Formador de LC e CE; Ex-Coordenador do 2º Ciclo do Ensino Recorrente; Ex-Coordenador do CNO; Ex-Avaliador Externo dos CNO; Formador de Formadores e da Formação Contínua de Professores; Ex-Professor do IEF; Ex-Professor do Ensino Superior (Inst Piaget).
Clara Figueiredo	clara.figueiredo@cm-amadora.pt	C. Qualifica C.M.Amadora	Encaminhamento/ Programa em Competências Básicas ou EFA B1.	Amadora	Psicóloga. Coordenadora do C. Qualifica C.M.Amadora.
Daniela Mourato	daniela.mourato@cm-amadora.pt	C. Qualifica C.M.Amadora	Encaminhamento/ Programa em Competências Básicas ou EFA B1.	Amadora	Psicóloga. TORVC em C. Qualifica C.M .Amadora.
Dina Soeiro	<disoeiro@esec.pt>	Escola Superior de Ed. de Coimbra	Letras <i>prá</i> Vida Condeixa Letras <i>prá</i> Vida Poiares	Coimbra	Prof. da ESEC de Educação de Adultos.
Inês Silva	Inês Silva <inesilva.comunicar@gmail.com>	Associação iCreate	Letras <i>prá</i> Vida Poiares	Vila Nova de Poiares	Coordenadora do “Clube Velhos Amigos na Associação iCreate; Coordenadora de Com. e Relações Públicas da Associação iCreate; Voluntária no projecto “Letras <i>Prá</i> Vida”, Lic. em Comunicação Organizacional; Profissional liberal em comunicação organizacional.
Joana Silva	js_almeidasilva@hotmail.com	Câmara Municipal de Condeixa	Oficina de Alfabetização – “Letras <i>prá</i> Vida”.	Coimbra	Animadora socioeducativa.

Lenice		Instituto de Educação UL	Alfabetização no Brasil.	Lisboa	Doutoranda no IE em Formação de Adultos.
Lucília Salgado	luciliasalgado@gmail.com	APCEP	Círculo Alfabetização	Lisboa	PhD, Prof. de ESEC, investigadora, animadora.
Manuela Esteves	manuelaesteves.aepa@cqep.gov.pt	CQEP – Ag. Escolas Paço de Arcos	CQEP_Programa em Competências Básicas. RVCC B1/ Competências Básicas.	Oeiras	Professora _ Línguas e Literaturas Modernas - Estudos Portugueses e Franceses. Coordenadora CQEP - Ag. Escolas Paço de Arcos.
Manuela Paulo	mariamanuelasimoespaulo@gmail.com	APCEP	Círculo de Alfabetização.	Amadora	Me. Ciências da Educação – Formação de Adultos, Lic. Geologia, Coord. CNO, Prof. Ensino Básico/ Secundário.
Mónica Gomes	monicalolajustinogomes@outlook.com	Escola Superior de Ed. o de Coimbra	Alfabetização na Guiné-Bissau.	Coimbra	Mestranda de Educação de Adultos e Desenvolvimento Local.
Mónica Silva	monicacristinassilva@outlook.pt	Escola Superior de Ed. de Coimbra	Letras <i>prá</i> Vida Condeixa	Coimbra	Estagiária da licenciatura em Animação Socioeducativa pós-laboral.
Nair Azevedo	azevedo.nair@gmail.com	Paróquia do Prior Velho	Ler com Arte	Loures	Doutorada em Ciências da Educação, psicóloga. Conselho de Administração da Fundação Brazleton/Gomes Pedro para as Ciências do Bebê e da Família. Coordenadora do Projeto Ler com Arte (voluntariado).
Paula Guimarães	pguimaraes@ie.ulisboa.pt	Instituto de Educação UL	Orientação de Estágios em Alfabetização.	Lisboa	PhD Ciências da Educação – Política Educativa, Prof. Dra. Instituto de Educação – Políticas de Educação e Formação/Formação de Adultos.
Pedro Patacho	ppatacho@yahoo.com	RCO – Rede Cidadania de Oeiras	RCO – Projeto de Alfabetização em Porto Salvo.	Oeiras	PhD , Prof. no Instituto Sup. de Ciências Educativas, Diretor-geral na empresa Edições Pedagogo, Lda.
Raquel Matias	raquel_matias@hotmail.com	ISCTE-IUL ; CIES-IUL; CES-UC	Projeto de Alfabetização em Tires, Carcavelos.	Oeiras	Socióloga, investigadora em pós-doutoramento, e voluntária no projeto de alfabetização em Tires, Carcavelos.
Rosa Vieira	rosa.vieira@epatv.pt	EPATV, Vila Verde	Coordenadora do Dep. Aprendizagem ao Longo da Vida/Centro Qualifica	Braga	Mestrado em Associativismo e Aaminação Socio-cultural; Licenciatura em educação- Educação de Adultos e Intervenção Comunitária.
Rute Pinho	rute.pinho@escacilhastejo.org	CQEP _ E.S. Cacilhas	RVCC B1/ Competências Básicas. Parceria com Universidade Sénior.	Almada	Psicóloga, Formadora, Mestre em Psicologia Clínica, Especialista em Psicologia Educacional e

					Psicologia vocacional e do desenvolvimento da carreira, Curso de Pós-Graduação em Ciências da Educação – Educação e Formação de Adultos, TORVC em CQEP E.S. Caci-lhas.
Sílvia Parreiral	scruzp@esec.pt	Escola Superior de Educação de Coimbra	Letras <i>prá</i> Vida Condeixa Letras <i>prá</i> Vida Poia-res	Coimbra	PhD Ciências da Educação, Sociologia da Educação, Prof. da ESEC de Literacia e de Políticas Educativas de Desenvolvimento Local e Regional, investigadora do CEIS20.
Sónia Gouveia		CQEP – Ag. Escolas Paço de Arcos	CQEP_Programa em Competências Básicas.	Oeiras	Professora/Formadora CQEP _ Programa em Competências Básicas.
Susana Oliveira	susana.oliveira@epatv.pt	APCEP / EPATV, Vila Verde	Oficina de Alfabetização no âmbito das atribuições do CNO/CQEP (2009-2014)	Braga	Professora/ Vice-Presidente da Associação Europeia para a Educação de Adultos-EAEA.
Vânia Matos	vaniafilipa_14@hotmail.com	Instituto de Educação Lisboa	Associação Renovar a Mouraria	Lisboa	Mestre em Ciências da Educação - Educação de Adultos.
Vera Carvalho	veracarvalho63@icloud.com geral@icreatepoiaries.pt	Associação iCreate	Letras <i>prá</i> Vida Poi-ares	Vila Nova de Poi-ares	Mestre em Educação de Adultos, Licenciatura em Filosofia, Presidente da Direção da Associação iCreate; Voluntária no projecto “Letras <i>Prá</i> Vida”; Formadora de cursos EFA; Sócia proprietária da sociedade anónima CH Business Consulting.